

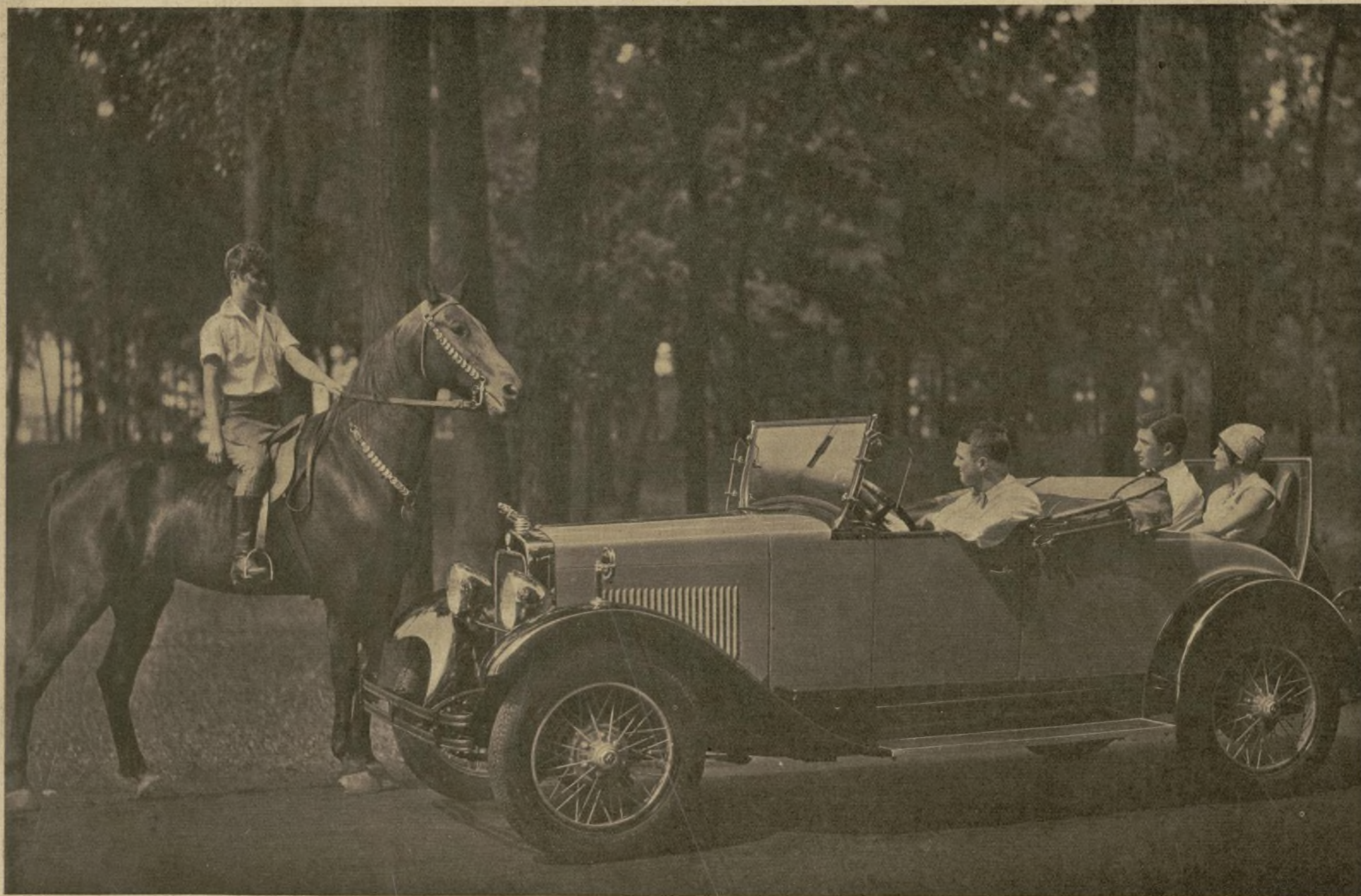
VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



DOIS «PUR-SANG» ; UM CAVALO INGLÊS E UM ERSKINE, OS IDEAIS DA MULHER DESPORTIVA MODERNA

(Foto Studebaker)

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E UMA FOLHA
DE BORDADOS EM TAMANHO NATURAL

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA
DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE

As festas de caridade, realizadas no Politeama e Ginásio, respectivamente na noite de sexta-feira passada e na tarde de 3 do corrente, revestiram extraordinário brilhantismo, sendo a

Vieira cantou magistralmente várias tonadillas; os académicos srs. Moura Coutinho Almeida de Eça e Paradel de Oliveira deliciaram a assistência com alguns fados; a notável orquestra de tangos «Orlando» executou vários números do seu belo repertório e finalmente algumas disci-

beneficência, patrocinadas pela comissão organizadora, no qual se farão ouvir em números de fados alguns académicos de Coimbra, e depois de amanhã, no Parque Fronteira, em S. Domingos de Bemfica, um outro festival de caridade, cujo produto se destina ao Lactário de Nossa Senhora do Amparo, patrocinado pela sr.^a Condessa da Torre, organizado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, aos quais está, decerto, reservado grandioso êxito.

Na noite de sábado deve realizar-se, no salão nobre da Liga Naval Portuguesa, uma elegante festa de caridade, organizada por uma comissão da qual fazem parte as srs.^{as} D. Albertina Ema Ribeiro Tavares, D. Amélia de Salema Garção Kruss Gomes, D. Georgina de Freitas Del-Negro, D. Helena Travassos Valdez Osório, D. Leontina Travassos Valdez de Passos e Sousa, D. Luísa Mansbendel, D. Madalena Ribeiro Tavares, D. Maria Gertrudes Soares Hoffman, D. Maria Irene Ribeiro Tavares, D. Maria Vitória de Barros Carmona, D. Regina Travassos Valdez de Passos e Sousa e D. Sarah Gazul Ferreira, cujo produto se destina a favor do Asilo-Oficina de Santo António de Lisboa, constando de sarau literário e musical, seguido de baile.

CASAMENTOS

Na igreja de S. Mamede realizou-se no sábado, na maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria Ravara Lobo Alves, filha da sr.^a D. Maria da Conceição de Carvalho Ravara Alves e do sr. Luciano Lobo Alves, já falecido,



Outro aspecto da assistência à mesma festa de caridade



Grupo de gentis senhoras que tomaram parte na «Gymkana» Hípica, realizada no dia 28 de Maio último, no campo de obstáculos de Palhavã, a favor de um pavilhão para tuberculosos pobres, a construir junto do Sanatório do Lumiar.

primeira constituída pela segunda representação da lindíssima opereta em dois actos «...com amor se paga», da autoria do sr. Josué Trocado, música e poema, e na qual tanto se distinguiram as sr.^{as} D. Maria Regina da Silva Carvalho Vieira e D. Emília Iniguez de Almeida Lima, e os srs. Francisco Regalo Correia e José Gambôa de Abranches Jordão, nos principais papeis, estando os restantes a cargo da sr.^a D. Maria Isabel Sousa Martins Braga e dos srs. José Zuzarte de Mendonça, Carlos Monis Pereira, Álvaro da Câmara Horta e Costa e Alberto de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), que concorreram para o esplêndido conjunto, bem como os graciosos bailados pelas distintas discípulas de Madame Britton's, sr.^{as} D. Inês da Câmara Machado e D. Alda Pimentel, acompanhadas por um gracioso grupo de gentis meninas da nossa primeira sociedade elegante, vestidas à veneziana.

Completo o espectáculo um acto de variedades em que tomaram parte: a menina Noémia de Basgal, discípula de Madame Britton's, que se exibiu em um artístico bailado em pontas; a sr.^a D. Maria Regina da Silva Carvalho



O mesmo grupo preparando-se para a «Gymkana»

pulas de Madame Britton's dançaram o sapatado inglês, recebendo todos os distintos amadores e artistas fartos aplausos.

A segunda conou da repetição da lindíssima mímica em dois quadros «O Sonho do Pobresinho», da autoria da sr.^a D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, com música do inspirado compositor sr. dr. José Augusto Coutinho de Oliveira, interpretada por crianças, tendo um pequeno prólogo em verso, dito com muita graciosidade por uma miudinha, a menina Maria José de Melo e Castro de Barros Costa (Alvelos), e da encantadora película, entreccho do inspirado poeta sr. dr. Afonso Lopes Vieira, «O afilhado de Santo António», notavelmente interpretada por um grupo de crianças.

O espectáculo abriu por um acto variado em que tomaram parte o menino João Maria de Castro Abreu e Mota, notável pianista que executou superiormente ao piano vários números de música clássica, e as sr.^{as} D. Madalena Metelo Antunes, D. Maria José de Abreu do Quintal, D. Maria Helena Shirley e o sr. José Andrade deliciaram a selecta assistência, cantando magistralmente algumas canções portuguesas dos nossos mais cotados compositores, recebendo, ao terminar, entusiásticos aplausos.

Antes da exibição da película «O afilhado de Santo António», a menina Maria de Lourdes Duarte de Carvalho disse, com muita graça e um grande à vontade, algumas poesias da autoria do sr. Santa Rita, pelo que o auditório lhe não regateou aplausos.

Foram duas belas festas de caridade, que deixaram de novo, na selecta assistência que a elas concorreu, uma imorredoura recordação.

— Amanhã deve-se realizar, no Parque Fontalva, um grandioso festival popular, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor de várias obras de

com o engenheiro José Miguel de Melo Veloso Salgado.

A gentil noiva, que foi conduzida ao altar

por seu tio o sr. dr. Artur Ravara, descende, em linha materna, duma das mais distintas e aristocráticas famílias de Aveiro, e pelo lado paterno, de muito antiga família transmontana.

Foram madrinhas da noiva sua tia paterna a sr.^a D. Piedade de Castro Rolla Pereira, e sua tia materna a sr.^a D. Maria Barbara Ravara da Costa Carneiro, esposa do ministro de Portugal em Tóquio, e que se fez representar pela avó da noiva sr.^a D. Matilde de Carvalho Ravara. Do noivo foram padrinhos seu pai, o mestre Veloso Salgado, e o sr. dr. Silvestre de Almeida.

A cerimónia, primorosamente acompanhada a órgão, foi celebrada por Monsenhor Cância, que dirigiu aos noivos uma inteligente e tocante alocução.

Depois do lanche em casa da mãe da noiva, os noivos foram passar uns dias a Colares na propriedade dos pais do noivo, seguindo depois para o Porto, onde vão fixar residência.

Na «corbeille» da noiva, exposta com rara elegância, viam-se valiosíssimos presentes.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Francisco da Câmara de Sá Nogueira, esposa do sr. Francisco de Albuquerque Sá Nogueira (Sá da Bandeira).

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.^a D. Maria Carlota da Costa, esposa do sr. João Francisco Costa, teve, em Queluz, o seu bom sucesso.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso, em S. Tiago do Cacém, a sr.^a D. Maria Margarida Sabido Costa Barreira Cabral, esposa do sr. dr. Carlos José Barreira Cabral Cruzeiro de Lacerda.

Mãe e filho estão felizmente bem.



Um grupo da selecta assistência à elegante festa de caridade realizada no campo de obstáculos de Palhavã, na tarde de 28 de Maio último, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor de um pavilhão para tuberculosos pobres, a construir junto do Sanatório do Lumiar.



Um magnífico salto da distinta amazona sr.^a D. Maria Cabral, no cavalo «Mangü», durante a prova «Amazonas», realizada no campo de obstáculos de Palhavã, na tarde de 24 de Maio último

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impostação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lição em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.

(Parque Eduardo VII)
e na redacção da «VOGA»

Mobiliás de medula

O GRANDE SUCESSO DA EXPOSIÇÃO DAS ARTES DECORATIVAS EM PARIS

— GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS —

Rua de S. Bento, 120 a 130

Telefone T. 801

PAÍSES
DIFERENTES

JAZZ-CONTO POR BRITO LEAL

No Bar do «Sports Club».

De manhã, quando os primeiros raios quentes de um sol de Agosto entram, pouco a pouco, riscando reflexos metálicos na formatura das garrafas ao longo das prateleiras.

Três «sportmen», — um Português, um Francês e um Inglês, — acabam de abancar entre duas voltas de «golf» e discutem, segundo a interpretação natural das suas nacionalidades, o maior assunto de todos os tempos: a Mulher.

O português gesticula irrequieto, a explodir força e ruído.

O francês, num ar de fadiga infinita, parece curvado sob o peso de uma sensaboria atroz: a Vida.

O inglês, imóvel, perfil recortado à tesoura, fumega gravemente por um cachimbo côr de azeitona numa expressão de estranha impassibilidade.

Vão no terceiro «whisky and soda».

O PORTUGUÊS — A mulher é, pois, a obra mais bela e sublime de todo o Universo!

O FRANCÊS — Ou o ser mais egoísta e interesseiro de toda a Criação!



O INGLÊS — True!

O PORTUGUÊS — A mulher é a personificação mais perfeita do amor e do sacrifício pelo Homem!

O FRANCÊS — E também o animal mais perigoso para ele!

O INGLÊS — Oh yes! A fêra mais traiçoeira deste mundo!

O PORTUGUÊS — Fêra... em cuja jaula eu seria de bom grado, o domador!

O FRANCÊS — A mulher é, na natureza, o único animal que muda a côr dos seus adornos várias vezes no mesmo dia!

O INGLÊS — Right!

O PORTUGUÊS — Animal???

O FRANCÊS — Adornos, que quasi sempre são pagos por nós... os homens!

O PORTUGUÊS — A mulher não é um animal! É um poema resplandecente de sentimento e de beleza!

O FRANCÊS — Très bien! Um poema sinfónico de mui difícil regência e que quasi sempre termina em «dó»... por nós, os homens!

O INGLÊS — E raras vezes passa para «mi» porque... receio as desafinações!

O PORTUGUÊS — Quando o maestro é de Portugal, não se dão essas «fugas»!

O FRANCÊS — «Ecoulez»: se o mundo fôsse governado pela mulher, todos os homens seriam perseguidos como escravos miseráveis!

O INGLÊS — Terrible!

O PORTUGUÊS — Quem dera!...

O FRANCÊS — Já mais seriamos livres!

O INGLÊS — Cafriamos sob a tirania de uma Lei Sêca abominável!

O PORTUGUÊS — Mas acabariam as revoluções em Portugal!

O FRANCÊS — E aumentaria o número de divorcios em França!

O INGLÊS — Desapareceria o «whisky» em Inglaterra!

O PORTUGUÊS — Reinaria, enfim, a Paz entre as nações!

O FRANCÊS — Pardon! Rebentaria uma guerra mundial como não há memória!

O INGLÊS — Seria a queda do Império Britânico!

O PORTUGUÊS — Fariam então os homens de enfermeiras da Cruz Vermelha e seriam as mulheres os soldados feridos!

O INGLÊS — Shocking!

O PORTUGUÊS — Como seria belc!

O FRANCÊS — A mulher é, sem duvida, o

CRONICA DA SEMANA
A UMA SENHORA BRACARENSE

Minha senhora, da minha maior consideração e respeito:

Vai já para quatro anos que nós, misera criatura de alma encardida no pecado e, portanto, infinitamente carecida da misericórdia de Deus, estivemos também no Bom Jesus do Monte, a umbrosa estância que a piedade minhota floriu de capelas e estátuas em honra e louvor do Divino Mártir, e da qual V. Ex.^a agora nos escreve, em papel lilás e esplendida caligrafia salesiana, censurando-nos por aquilo a que chama, impensadamente, a nossa predilecção pelos erros de Calvino e Lutero... visto termos aqui publicado um artigo dum bispo protestante!... Ao santuário bracarense nos levára a enorme saúdade por tempos que não voltam mais e também o desejo de pedir a Deus nos desviasse do caminho do erro e nos desse um pouco de fraterna paciência para aturar o nosso semelhante, quasi sempre bastante mausinho e massador... Quando lá chegámos, ao amplo terreiro aonde se ergue o templo, e depois de piedosamente havermos olhado todas as capelinhas do grande escadório que os santeiros da Bracchara Augusta cumularam de ingénias estatúarias, quando lá chegámos, perdêe V. Ex.^a mas, como se costuma dizer, caiu-nos a alma inteirinha aos pés, esta alma encardida no pecado e, portanto, carecida infinitamente da infinita misericórdia de Deus!...

O amplo terreiro do templo estava cheio de sol — bem de que, imerecidamente, sômos devedores a Deus! — e de pândegos, espécie humana bastante espalhada pelas floridas terras de Portugal. O templo estava aberto e exhibia à porta o grande reposteiro vermelho que, como sabe, indica estar exposto o Santíssimo. De frente, no largo, um enorme corêto vergava ao peso duma inundação de músicos, opulentos de trombones, bombos, ferrinhos, saxofones, requintas, flautas e tambores; de roda, em grupos alegres e profaníssimos, rodopiavam multidões de rapioqueiros, arrastados na frenesia do bailarico e, valha a verdade, a pândega era de respeito. A música, imensamente conscia do seu alto papel civilizador, animava, à força de bombo e saxofone, aquela frescata toda...

Entramos na igreja: estava às moscas, literalmente às moscas porque os devotos tinham ido todos para o bailarico... E, quando saímos da formosa igreja, — com a alma a sangrar pelo abandono a que o Divino Mártir havia sido votado! — e nos encontramos no largo, então, minha senhora, então fugimos!... Mesmo de frente do largo aonde se encontrava o Santíssimo exposto, a música, — por certo composta de sectários do Calvino e Lutero! — atacava com furia, convicção e inspiração saxofonica o:

Anda cá, não tenhas medo,
Ensinar-me em segredo

Etc., etc., etc... Fugimos!...

Ora, minha senhora, da minha maior consideração e respeito, vem tudo isto a propósito — ou a despropósito se mais lhe agrada assim — da cartinha que V. Ex.^a enviou a esta redacção,

objecto que, no Bric-à-Brac da vida, mais caro sai ao homem!

O INGLÊS — E também o mais ruidoso e de difícil transporte.

O PORTUGUÊS — A mulher não é um «bibelot», não é um móvel: é um anjo celestial cujo mistério nos perturba!

O FRANCÊS — A mulher não é um anjo! É um demónio dotado de toda a astúcia e maicicia das profundas dos Infernos!

O INGLÊS — A Bíblia o diz! Foi Eva quem fez com que Adão fôsse expulso do Paraíso.

O PORTUGUÊS — Pois se Adão fôsse português não se importaria certamente de ser expulso... até do Paraíso, por... amor de uma mulher!

O FRANCÊS — Mas que é a mulher na vida do homem?

O PORTUGUÊS — É toda a razão da sua existência! Como o sal no «pão nosso de cada dia»!

O FRANCÊS — Talvez antes, como a mostarda num bom *roti aux asperges*!

O INGLÊS — Como a soda num *double whisky*!

O PORTUGUÊS — Porque as mulheres são as rosas da Humanidade!

O FRANCÊS — Rosas, cuja cultura nos fica, a nós homens, caríssima!

O INGLÊS — Rosas, cujos espinhos ferem sempre dolorosamente!

O PORTUGUÊS — Mas ferem somente aqueles que, como vocês, não sabem colhê-las...

O FRANCÊS — E se a mulher desaparecesse da face da terra?

cartinha essa cheia de amáveis e piedosas censuras por, aqui, nas colunas da Voga, termos publicado um artigo da autoria de certo prelado protestante, o Bispo de Ely. Não tem V. Ex.^a migalha sequer de razão para nos censurar!... O mal encontra-se por toda a parte e o tentador de tudo se serve, bem o sabe V. Ex.^a: às vezes, até mesmo de logares consagrados à piedade: o santuário do Bom Jesus do Monte, por exemplo, donde V. Ex.^a nos escreve!... Simplesmente, nem esses logares teem culpa do uso péssimo que lhes dão, nem tão pouco as boas e santas palavras do Bispo de Ely teem culpa de que as leitoras bracarenses não as tenham percebido ou sequer lido... Não é verdade, — como V. Ex.^a pretende — que a Igreja nos proíba a leitura dos escritores protestantes, aliás nem as libras-chêque, nem as letras de câmbio vindas da nossa fiel aliada teriam cabimento nas burras atestadas de ouro de certos crentes!... O que a Igreja proíbe sim, é a leitura de obras de exegese ou controvérsia e ataque dos protestantes, a assistência às festas e devoções nos templos evangelicos, a assinatura de revistas ou jornais de propaganda das ideias de Lutero e Calvino... Isso sim, isso é vedado aos católicos, tão vedado como dançar diante do Santíssimo, aos acordes do

Anda cá, não tenhas medo,
Ensinar-me em segredo...

Etc., etc., etc... V. Ex.^a bem o sabe!...

Mas entrando propriamente na análise do artigo do Bispo protestante de Ely, o que nos afirma esse prelado inglês? Coisas que a Igreja católica por certo não deixaria de subscrever, minha senhora!... Quer que a mulher seja digna, honesta, recatada e não aspire senão ao respeito e consideração do bicho-homem. É pecado querer e aplaudir isto? É boa! não sabiamos!... Será também execrável que o aludido protestante prefira as modas antigas, que tudo tapavam, às de hoje, que tudo descobrem? Também não sabiamos!... O Bispo de Ely reprova que as mulheres enfiem calças de homem? Afirma que as modas modernas, tendendo a igualar a mulher aos feios descendentes do pai Adão, se tornam um factor de desintegração da ordem social cristã? Que a modestia, a gentileza, a dignidade e a graça constituem atributos essencialmente femininos e dos quais, a mulher, por forma alguma, deverá abdicar, masculinizando-se? Mas isso, essa opinião do escritor inglês, constitui matéria para censuras? Então caímos naquêle *perdido por ter cão e perdido por o não ter!* Como pode V. Ex.^a censurar que um escritor, seja ele protestante ou católico, escreva coisas como estas, pondo-as na boca da mulher crente: «Embora a Moda o decreta e ordene, eu é que já mais usarei calças masculinas porque isso levaria o homem a esquecer a honra, o respeito e a consideração que sempre e por toda a parte me são devidas e a todas as mulheres». Pelos modos parece que V. Ex.^a, censurando o Bispo protestante de Ely, é pela moda das calças! Ora valha-nos Deus!...

Decididamente, V. Ex.^a faria melhor, muito melhor, em ter lido o artigo antes de nos excomungar!

Et sans rancune:

ROSA TIRANA.

O INGLÊS — Não me faria a menor diferença! Continuaria jogando o meu «golf» e bebendo muito naturalmente os meus «whiskies»...

O PORTUGUÊS — Desgraçados! Mas isso seria o Fim do Mundo!

O FRANCÊS — Fim do Mundo?... Só para os que ainda não tiveram a infelicidade de nascer!

O INGLÊS — Passariamos muito bem sem esses seres anormais!

O FRANCÊS — E eu equilibraria as minhas finanças!

O PORTUGUÊS — Anh???

O FRANCÊS — Viveríamos o resto dos nossos dias absolutamente tranquilos.

O INGLÊS — Comfortably!

O PORTUGUÊS — ???!?!...

O FRANCÊS (reparando no olhar desvairado do português) — E você que faria se todas as mulheres deixassem de existir?

O PORTUGUÊS (pálido, a gaguejar ante a visão para ele horrível de um mundo sem mulheres) — Eu?... que faria?... eu... sim... eu!...

O INGLÊS — Say, man!

O PORTUGUÊS (num grito, prestes a baquear de conção) — Suicidar-me-hia!

Nessa manhã o «match» de «golf» não pôde concluir-se. Um dos jogadores, o português, fôra levado à pressa numa ambulância da Cruz Vermelha para o Posto de Socorros mais próximo, apresentando todos os sintomas de uma congestão cerebral...

ECOS E
COMENTÁRIOS

AS MULHERES NAS CASERNAS

Um novo triunfo feminista: em França, a utilização das mulheres nas casernas, como cosinheiras e feita, há meses, a título de experiência, acaba de ser coroada de êxito. O ministro da Guerra dirigiu uma circular a todos os coroneis, incitando-os a generalizar esta medida a todos os regimentos.

Cada mulher é considerada apta a fazer cozinha para quatrocentos homens, devendo substituir dois militares e um cosinheiro-chefe.

Uma mulher fica, portanto, valendo dois soldados e um chefe.

MADAME HUGUES LE ROUX

A França acaba de perder, com a morte de Madame Hugues Le Roux, uma das suas mulheres mais notáveis.

Madame Hugues Le Roux foi uma viajante infatigável e audaz: percorreu aqueles pontos do globo ainda hoje pouco explorados, publicando sobre eles, nos melhores magazines franceses, excelentes reportagens, em que as observações psicológicas sobre os habitantes se aliavam as descrições dum colorido intenso e duma pormenorização pitoresca.

Foi também uma esplêndida romancista, ten-



do deixado grande número de obras onde se patenteiam uma imaginação prodigiosa e um estilo duma grande vibratidade.

Era condecorada com a Legião de Honra, devido aos grandes serviços prestados à pátria, principalmente pela influência que as suas brochuras patrióticas exerceram sobre os soldados americanos.

O «RECORD» DOS DIVORCIOS

A jóven artista norte-americana Edith Horard é divorciada pela décima vez. Parece tratar-se dum autêntico *récord*, embora ainda não esteja oficialmente homologado, como se diz em terminologia sportiva.

Miss Edith acaba de casar com um dos reis da indústria das conservas de Chicago, tudo fazendo prevêr que ela vai, com 25 anos de idade, a caminho do seu décimo primeiro divórcio.

Um jornal inglês admira-se da coragem do último marido de miss Edith. Provavelmente já um outro se teria admirado da coragem do penúltimo. Afinal de contas, a única coisa digna de verdadeira admiração é que este marido seja o último. O último marido ou o último divórcio. Nada prova que miss Edith queira arredondar numa duzia o número dos divórcios. Numa duzia de 13 como a dos ovos ou numa de 14 como a das couves-flôr...

AS SAIAS E A LEGISLAÇÃO

As empregadas dos correios berlinenses encontram-se bastante descontentes, tendo chegado a sua agitação a preocupar o governo. Não se trata, como à primeira vista poderia parecer, duma questão de aumento de salário. A indignação das empregadas foi provocada pela publicação recente dum decreto determinando que elas usem, durante as horas do serviço, uma saia que tenha vinte centímetros abaixo do joelho.

A sua reclamação já foi formulada oficialmente, mostrando-se o ministro disposto a levar a sua transigência até diminuir a saia em cinco centímetros.

Parece que esta concessão não desarma a cólera das empregadas que pretendem a supressão do decreto, alegando que ele constitui uma ofensa mortal e uma revoltante tirania...

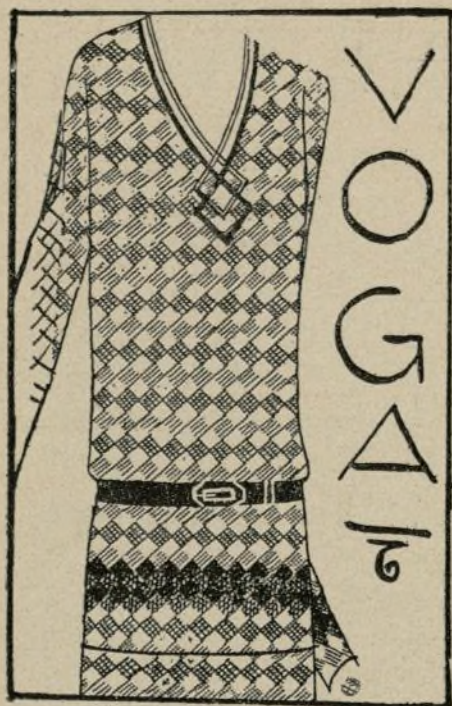
Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para famílias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.



AS MODAS EM VOGA

AS ÚLTIMAS CREAÇÕES EM CASACOS DE MALHA DE FANTASIA : TASIA :

OS CONJUNTOS MODERNOS SÃO CHEIOS DE ELEGÂNCIA E BOM GOSTO :

BLUSAS DE JERSEY E TRICOT

inédito, ficando o «visto e conhecido» novamente remodelado pela escolha que essas elegantes voltaram a fazer!

Algumas modas resistem ao tempo. Passam-se estações e elas, adaptadas à nova temperatura, continuam inquebrantáveis e serenas a sua larga carreira de encanto e gracilidade. Nestas modas temos nós os lindos «sweaters» em malha fabricada ou «tricot».

São excelentes e práticas estas lindas blusas de malha que tanto se usam para «sport» como sob os casacos «tailleurs» e ainda nas praias e termas, onde elas são dum efeito encantador e duma utilidade inegável.

Também os casacos curtos em malha ou «tricot» são duma grande importância nesta época amena e alegre em que as praias, loiras e festivas, regorgitam de multidão.

Nas praias o cosmopolitismo é um dos seus grandes atractivos. O cosmopolitismo infinito de belezas de vários países, a algarvia infernal e simultaneamente deliciosa das línguas estrangeiras, todas ao mesmo tempo falam, gritam e riem tornando o ambiente delicioso. O verão é a época mais amável do ano, como o inverno é a quadra mais rica pelas suas pelicas e abafos. É a quadra das óperas, teatros e bailes; dos desportos próprios para o tempo nevoso e friorento, que nos traz irritadas e envolvidas em peles e lãs.

O verão é uma época mais livre de acanhados preconceitos e cerimónias. A alegria sã e exuberante reina em todos os corações juvenis e o riso reina nas suas boquinhas rosadas como o

sol nas cerejas maduras. E é para esta linda época de bulício que se continua a criar novos tecidos em «jersey» e novos modelos para a execução dos «sweaters» em «tricot» de lindas barras multicolores ou em escala de tons, que tão lindos efeitos produzem e originam.

Vários modelos, em lindas cores e desenhos caprichosos, damos hoje nesta página, onde a leitora verá ligada a beleza do conjunto à elegância e harmonia com que os tons são distribuídos.

Principalmente as barras são a fantasia mais usada e que melhor se coaduna com este género de blusas.

Todos os nossos modelos de «sweaters» são feitos em barras. Uns em barras lisas e duma só cor, outros com barras em vários tons formando bicos desiguais e ainda outros com barras muito largas.

Qualquer d'este género de desenhos está adoptado por todas as elegantes que, tanto na praia como no «tennis», sob os «tailleurs» li-



na toilette o ponto mais alto da requintada elegância e do bom gosto.

E assim, leitora amiga, se compõem as grandes «toilettes» que se deseje distintas e sóbrias.

MADemoiselle X.

“O TWIST”

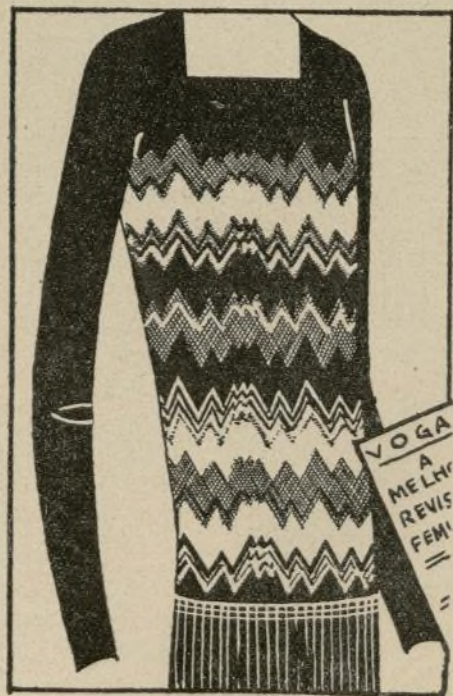
NOVA DANÇA FRANCESA

Os franceses estão empenhados em nacionalizar a dança, o que não passa duma pretensão, simpática sob o ponto de vista patriótico, mas irrealizável.

Eles mesmo o reconhecem, limitando-se a procurar descobrir novas danças, tendo há pouco inventado o «twist» que, segundo afirmam, não foi importado das tribus negras ou dos povos do interior do Brasil.

Essa dança, que em nada se assemelha aos tângos, aos fox-trots e aos charlestons, pois é dum ritmo lento e dum carácter clássico, compõe-se de seis passos a quatro tempos.

Porque a não baptisaram com um nome francês? Os inventores alegaram que a designação inglesa permitia a exportação da dança para Inglaterra e América do Norte e despertaria o interesse dos «snobs» que só admiram as danças desde que as suponham estrangeiras.



geiros para de manhã ou em viagem, os usam com alegria.

Hoje em todo o guarda-roupa elegante existe, juntamente com lindos vestidos de noite, recamados de pedrarias, sumptuosas saídas de baile ou lindos e vaporosos vestidos de crêpe da China e georgette, um ou mais d'estes lindos «sweaters» matizados e alacres ou em tons em escala, que fazem simples, mas elegantes e práticas, as «toilettes».

Uma das inovações que estas lindas blusas sofreram, foi o de se enfeitarem com crêpe da China, quer formando parte da blusa quer servindo de aplicações.

Os dois modelos que aqui damos têm fitas: umas dando um laço ao lado, outras dando-o à frente; estas fitas são feitas em crêpe da China em dois tons, que devem ser iguais aos empregados para a sua confecção.

Mesmo as barras lisas, que um dos modelos tem na parte inferior da blusa e que são nos mesmos dois tons da gola, devem também ser feitas em crêpe da China. É este modelo duma gracilidade inédita pois que os dois tons do crêpe da China formando a gola e as barras emprestam a este modelo uma blusa original e sugestiva.

O casaco de malha em largos triângulos feitos em três cores também é muito interessante. Os largos triângulos feitos em azul, branco e bege originam um conjunto discreto e simultaneamente a fantasia fez uma das suas mais criteriosas e lindas criações. Para «sports», sobre um vestido leve, que deverá ser bege, consegue este modelo compôr uma «toilette» ligeira, mas cheia de graça e distinção.

E eis leitoras mais uma facilidade que a moda, nem sempre insensível aos nossos protestos contra o gastar ininterrupto, nos dá para lindos «conjuntos»; com saias plissadas, em crêpe da China ou fazenda; com «sweaters» de lã e vestidos de seda ou com os casacos, também em lã.

E com estas lindas inovações consegue-se, realmente, dar a acessórios já conhecidos e vulgarizados, uma nota inédita e «raffinée» que muito apraz a toda a mulher adotar.

São estas pequenas variantes que muito ajudam a elegância feminina, a qual, quasi exclusivamente, vive de detalhes e fantasias.

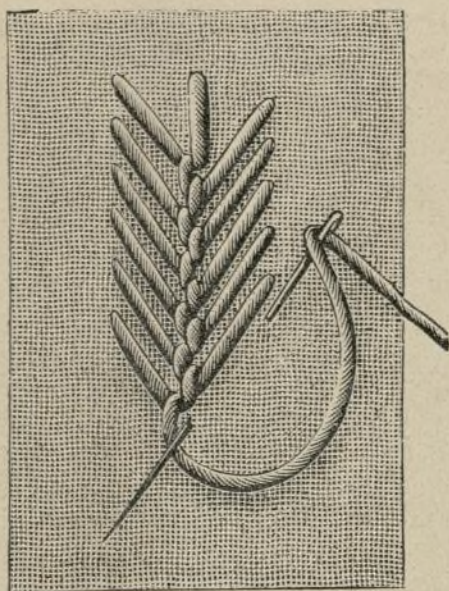
É alegre constatar como uma fivela, uma flor ou a harmonia de dois ou três tons, marcam

MALAS E BASTOS SILVA, L.^{DA}
CARTEIRAS
ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA

BORDADOS E RENDAS

PONTOS DE FANTASIA



Ponto de espinha

Os bordados modernos, isto é, os bordados feitos a cores com pontos de fantasia, requerem uma variedade de pontos infinita para que os bordados deixem de ter todos o mesmo aspecto, ficando uniformes e enfadonhos.

Embora as cores e o desenho sejam diferentes, se forem feitos com o mesmo ponto, começam a ter uma homogeneidade que faz perder a alegre decoração de hoje a qual deve variar de compartimento para compartimento.

Todos devem ter um aspecto particularmente seu e entre as coisas que dão motivo a isso deveremos incluir as cores e o género de bordados.

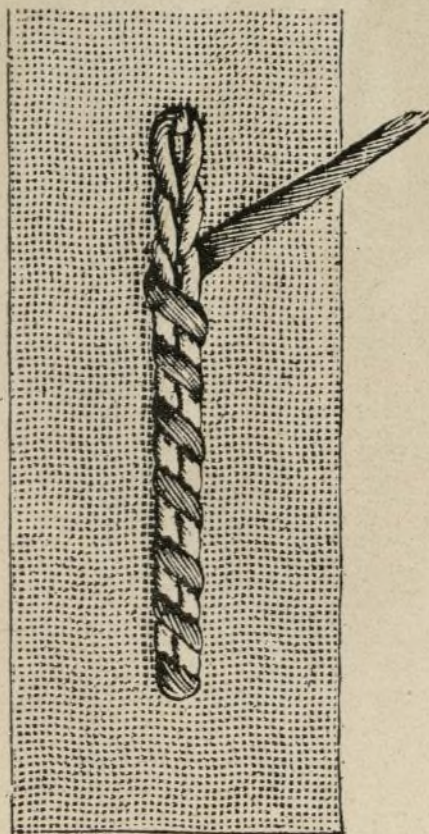
Os pontos mais usados nestes bordados são



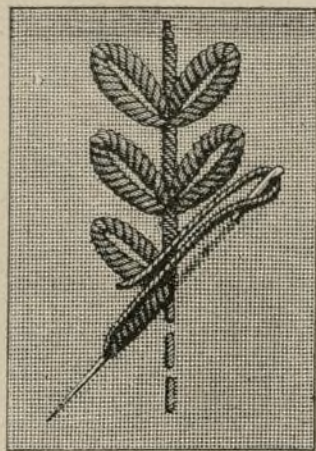
Ponto pé de flor em relevo duplo

os alinhavos, o ponto de cadeia, o ponto pé de flor e ainda o bordado a cheio com que se enchem flores e folhas.

Qualquer destes pontos — já tão usados — perdem o interesse, fazendo com que os borda-



Ponto de cadeia e ponto de luva



Ponto de canotilho

dora, embelezamento do lar e ainda para a distração agradável que representa uma nova fórmula de executar uma almofada ou um «naperon».

Todos estes pontos a que nos vamos referir,



Ponto persa

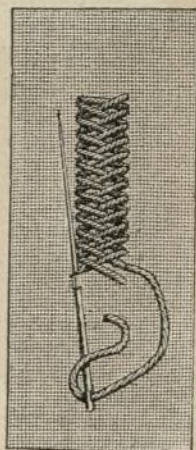
são pontos modernos e de grande efeito, resultando um trabalho vistoso e de muita rapidez como é para desejar nestes bordados.

Ponto cruzado, é um ponto de efeito e relevo para dar ao bordado um aspecto inédito e complicado que ainda mais faz sobressair as linhas graciosas, arredondadas ou rectas, dos desenhos feitos expressamente para este género de fantasia.

Ponto de canotilho é um ponto delicioso que engalanará com elegância qualquer bordado simples e discreto.

O ponto pé de flor divide-se em três partes: O ponto pé de flor simples, o ponto pé de flor em relevo e ainda outro em relevo duplo. O primeiro, conhecido de todas as leitoras, não merece publicação mas os outros dois aqui vão publicados para aumentar as facilidades de execução das leitoras que muito se aplicam nestas confecções cheias de graça e arte.

O ponto de cadeia com ponto de luva feito



Ponto cruzado

em dois tons ou duas cores muito bem combinadas forma uma linda guarnição. O seu efeito é muito sugestivo e ele será sempre aplicado com resultados satisfatórios tanto para a bordadora como para o bordado.

Ponto de espinha, é um ponto largo que

encherá com rapidez toda a parte que deve ser bordada e tendo o lado ainda mais adorável e alegre de ficar bonito e agradável.

O ponto «perlé», também muito gracioso e original, tem o seu lugar marcado para linhas estreitas e discretas, substituindo o ponto de pé de flor em algumas hastes que se desejem mais espessas e fortes.

O ponto entrançado é um dos que veem aumentar a colecção de pontos de fantasia e também ajudar à evolução dos aspectos do bordado a cores.

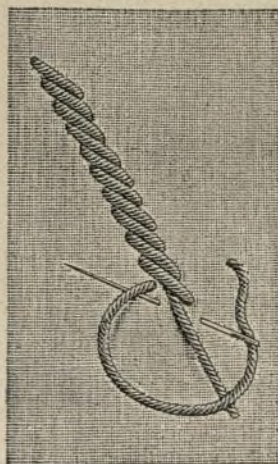
Ponto romano é um ponto que simula ponto de espinha mas é muito mais miúdo, discreto e menos trabalhoso.

Ponto persa é um dos naturalmente indicados para substituir o bordado a cheio tão usado no bordado a branco e mesmo no bordado a cores.

Deste ponto publicamos uma cercadura onde se vê nitidamente o seu efeito. Toda a cercadura é contornada com ponto pé de flor simples e muito miúdo.

O ponto cheio contrariado também é dum lindo efeito para bordar completamente qualquer motivo, folhas ou flores.

Com este enorme «stock» de pontos tão diferentes e variados podem obter-se trabalhos lindos pois a harmonia de dois ou três pontos di-



Ponto pé de flor em relevo

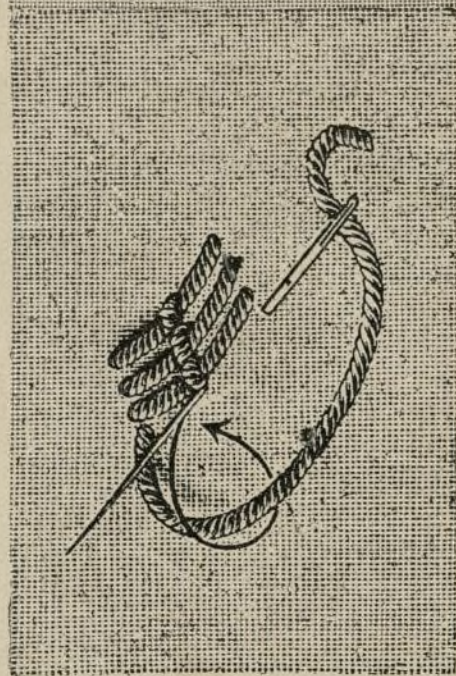
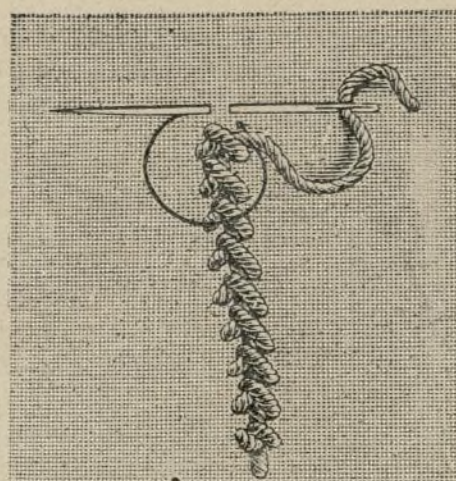
teressam todas as leitoras e que para todas é prática e útil, pois qualquer destes pontos é muito applicavel seja quais forem o trabalho e a sua utilidade.

A variedade de cor aumenta a beleza do bordado, como a variedade de ponto lhe quebra a monotonia e o faz sobressair com relevo e graça.

O rodopiar incessante da vida moderna, o seu bulício e irrequietude estão certos e adequados com estes trabalhos sempre rápidos, gritantes de cor e lindos de decoração, estilizados e graciosos.

E, queridas leitoras, até para a semana.

BERENICE.



Ponto perlé
Ponto de espinha

RECEITAS DE COZINHA

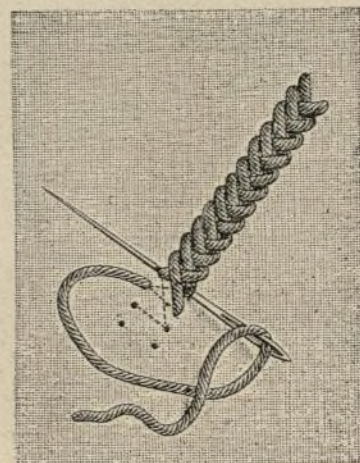
SARDAS COM PURÉ

DEPOIS de convenientemente arranjadas, cortam-se as sardas em duas ou três postas, segundo o seu tamanho, e fritam-se em azeite bem quente. Depois de fritas, guardam-se no forno ou qualquer sitio onde se conservem bem quentes. No mesmo azeite deita-se cebola, muito finamente cortada em quantidade suficiente para a porção de peixe e deixa-se coser no azeite muito lentamente. Quando o puré de cebola estiver pronto, ajunta-se-lhe a mesma quantidade de puré de tomate, depois de temperado com sal e pimenta e com um pouco de vinho branco e deixa-se reduzir.

Depois de pronto deita-se o puré numa travessa e dispõe-se por cima as sardas devidamente reconstituídas e servem-se quentes.

OVOS AO GRATEM

C OSEM-SE OS OVOS, cortam-se ao meio no sentido do comprimento e tiram-se-lhes as gemas, as quais se pisarão com anchovas picadas e miolo de pão embebido em caldo. Dispõe-se sobre o fundo duma travessa de ir ao forno, untada com manteiga, as metades dos ovos com a parte plana para baixo, cobrem-se com a massa formada pela gemas, polvilha-se esta primeiro com queijo ralado, depois com pão ralado, distribui-se sobre esta capa bocadinhos de manteiga e leva-se a travessa ao forno durante cerca de dez minutos. Serve-se em seguida esta iguaria só ou acompanhada com um molho próprio.



Ponto entrançado

6

MODELOS
OSTENTADOS
PELA MAIS
LINDA
MULHER
da FRANÇA

Conjunto em shantung
branco e azul enfeito
do com galão nas mes-
mas cores (Jean Ma-
gnin) Foto G. L. Manuel Frères

Parfums
"Voga"



Vestido em cre-
pe do
Chino
lilaz
(Jean Ma-
gnin) Foto
G. L. Manuel
Frères



Vestido de jantar em
renda de seda preta
(Lucien Lelong)



Tailleur em lã
de fantasia be-
ge (Lucien Lelong)



6

MODELOS
OSTENTADOS
PELO MAIS
LINDO
MANEQUIM
de PARIS

Conjunto em reps pre-
to e shantung branco,
de Jean Magnin. Foto G. L.
Manuel Frères

Parfums
"Voga"



Vestido em
crêpe georgette
em dois tons de
cinza (Olivier)
Foto Henri
Manuel



Conjunto
preto e bran-
co em crêpe geor-
gette enfeitado com
fita de selim.
(Stéphane)
Foto G. L. Manuel
Frères



Vestido de pas-
seio em crêpe
"georgette" bege
e casaco em "ri-
col" no mesmo tom
e rubi (Willy Sæver)
Foto Henri Manuel

Vestido de noite em crêpe
"georgette" preto, bordado a
"strass". (Lucien Lelong)

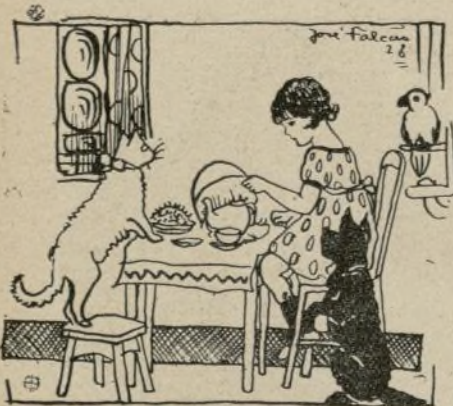
Pijama em selim pre-
to e branco, de Ger-
maine Lecolte. Foto G. L.
Manuel Frères

Deshabillé em
crêpe selim cin-
zeno claro e ren-
da preta (Drecol)
Foto G. L. Manuel
Frères



Vestido de noite
em musselina
de seda rosa
com barras de
selim no mes-
mo tom (Fary
Land e Henri
Manuel)





HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

A LINDA MENINA E O LINDO RAPAZ



ERA uma vez uma Linda Menina, muito linda e muito boazinha para toda a gente, e a qual, não tendo pai nem mãe nem mesmo ninguém no mundo que fosse da sua família, vivia inteiramente sós numa casita muito limpa e cuidada que os pais lhe tinham deixado ficar dentro dum pequenino campo. Como já lhes disse, aquela formosa e linda menina não tinha pai nem mãe e em casa só havia para lhe fazerem companhia um grande gato preto, um cão muito valente e amigo da sua dona, e um papagaio verde e dourado que costumava dizer a toda a gente:

— Ora então tenha lá muito bons dias!
E outras vezes:

*Papagaio real: quem passa?
É o rei que vai p'rá caça!
Ah! ah! ah! ah!...
Ora não há!
Está agora não está má!*

O cão dormia na sua casota lá no quintal; o papagaio tinha um poleiro quasi sempre pendurado à entrada da porta; o gato ficava numa almofada muito linda que a dona lhe arranjara na cosinha. A menina, essa dormia num quartinho que havia a seguir à cosinha e o qual estava lindamente arranjado. No quintal havia também um telheiro que estava sempre vazio.

Ora, um dia em que a menina saíra de casa para levar a casa de várias famílias a roupa branca em que sabia trabalhar e que elas lhe haviam encomendado, apareceu defronte da casita um Lindo Rapaz que entrou pelo jardim e se dirigiu logo para a porta da mesma casa.

O cão saiu-lhe ao encontro e começou a ladrar:

*Beu! beu! beu! beu! beu!
Ponha o chapéu!
A minha dona foi passear:
Ponha-se já d'aqui a andar!*

A princípio o rapaz não percebeu bem o que o cão lhe estava dizendo mas, por fim, ao ouvir outra vez o cão ladrar:

Beu! beu! beu! beu!

viu que o cão o não queria ali, saíu do jardim e foi-se sentar do lado de fora da grade à espera que viesse a dona da casa.

Tempos depois a Linda Menina aparecia na estrada. Vinha do mercado porque, tendo entregue a roupa branca às suas fréguesas e tendo-lhe elas pago, fôra comprar coisas muito boas e trazia num largo cesto pedaços de assucar para o papagaio, pão fresco para o gato, ossos frescos e um pacote de bolacha para o cão e muitas outras coisas mais.

Ao ver o Lindo Rapaz sentado na soleira da porta do jardim a Linda Menina ficou muito surpreendida porque era raríssimo passar por ali alguém.

— Queira desculpar, mas por quem está o senhor a esperar?

E vai, o Lindo Rapaz, inclinou-se diante da Linda Menina, cumprimentando-a e dizendo:

— Faz favor: diz-me aonde posso encontrar



uma casita para ir morar? Porque ando há que tempos à procura duma e não há maneira de dar com ela!

— Aqui não há casas para comprar nem para alugar! — disse a Linda Menina. Há mas é muita gente nas suas condições e que daria quanto lhe pedissem se encontrasse uma casa vazia... O senhor aqui não arranja casa...

Ao dizer isto a Linda Menina viu que o Lin-

do Rapaz ficava tão triste, tão triste que, teve logo pena d'ele... E disse-lhe então:

— Se o senhor quizer, eu posso-lhe ceder aquele telheiro que ali está vazio dentro do jardim. Arranjo-lhe lá uma caminha, limpo e arranjo tudo muito bem, e o senhor fica lá a morar. Quer? E o senhor em troca ajuda-me a partir a lenha e a tirar água para fazer a sopa e lavar a casa. Quer?

— Ai eu gostava tanto, tanto de morar ao seu lado, minha Linda Menina! Mas eu trago também comigo um cavalinho que ficou ali preso àquela árvore, vê? Chama-se o «Faisca...». E além disso, tenho também uma tartaruga chamada «Dona Quitéria», vê?

E tirou do bolso a tartaruga.

Então a Linda Menina deu um suspiro de alívio e disse:

— Isso não faz mal: se o senhor trouxesse um

cão, um gato ou um papagaio então é que eu

não sabia o que havia de fazer. Mas, se é só

o «Faisca» e a «Dona Quitéria», não faz mal!

estou certa de que se irão dar bem com a família que cá tenho.

Então o Lindo Rapaz, cheio de alegria, correu

para a árvore aonde estava amarrado o seu

cavalo e trouxe-o para junto da Linda Menina.

E a Linda Menina fez muitas, muitas festas ao

cavalinho — que era branco e trazia uns arreios

luzentes como prata — e deu-lhe torrões de

assucar. E depois veio o cão e começou aos

saltos de alegria de roda do cavalo; apareceu o

gato preto e peludo e começou a dar-lhe tur-

ras nas pernas e depois saltou-lhe para o lom-

bo. E o papagaio verde e dourado começou

logo a gritar muito satisfeito da sua vida:

*Papagaio real: quem passa?
É o rei que vai p'rá caça!
Ah! ah! ah! ah!...
Ora, não há!
Está agora não está má!*

Todos festejavam o Lindo Rapaz e o seu cavalo, sem esquecer também a «D. Quitéria» a qual parecia contudo muito tristonha e sorumbática.

E o Lindo Rapaz estava daí a pouco a morar



no telheiro do jardim: o cavalo ficava na estrebaria e a «D. Quitéria» ficava aonde queria porque, nunca ninguém sabia aonde é que ela parava senão o Lindo Rapaz.

Ora, em certo dia, o Lindo Rapaz — que gostava muito já os meninos sabem de quem — saíu do telheiro, levando o cavalo pela rédea e, batendo à porta da Linda Menina, disse-lhe:

— Oiça, Linda Menina: sei que vai hoje à

cidade entregar o seu trabalho e que depois vai ao mercado comprar coisas para sua casa.

Se a minha Linda Menina quizer, eu levo-a no meu cavalo. Quer? escusa de se cançar e de magoar os seus lindos pésinhos nas pedras da estrada... Aceita?

E, vai daí, disse-lhe a Linda Menina:

— Aceito sim senhor, mas com uma condição...

— Diga, diga Linda Menina:

— É que hei de levar comigo o meu cão, o meu gato e o meu papagaio real.

— Pois venha toda a família ao mercado! Vamos lá embora! Suba, se faz favor!

E ajudou-a a subir para o cavalo. Depois chegou-lhe o papagaio verde e dourado que a Linda Menina pôs ao ombro; em seguida, tomando o cavalo pela rédea, pôs-se a caminho do mercado: a Linda Menina ia a cavalo e com o papagaio pousado no ombro; o Lindo Rapaz ia a pé e com o cavalo à rédea; atrás ia o cão aos pulos e aos saltos; o gato preto seguia atrás do cão, e a «D. Quitéria» — a tartaruga — essa ia no bolso do Lindo Rapaz. A Linda Menina levava um cesto no braço para as compras e o Lindo Rapaz levava dois. Era uma procissão linda, meus meninos!...

Nisto, ao chegarem próximo da cidade, o Lindo Rapaz parou e, muito sério, disse à Linda Menina:

— Minha Linda Menina, se eu fôsse pedir ao sr. arcebispo para nos casar, a menina casava comigo, apesar de eu ser pobre, de eu não ter senão um cavalo e uma tartaruga?

— Casava, sim senhor, e havia de ser muito, muito, sua amiga!

Então o Lindo Rapaz tirou do bolso a tartaruga e disse:

*Dona Quitéria, Dona Quitéria:
Acabe, por Deus, com esta miséria!
Tenho uma noiva, meiga e bondosa
Mais pura e linda do que uma rosa!*

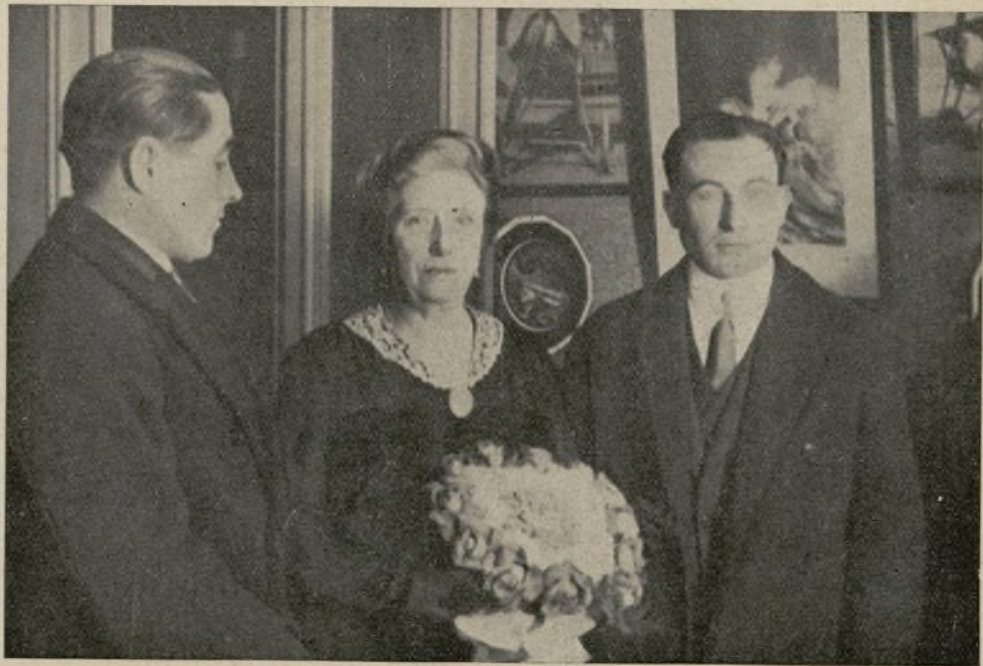
Logo a tartaruga se mudou ali mesmo numa formosíssima Fada que trazia uma estrelinha



na testa e uma vara de ouro na mão... E o Lindo Rapaz, dirigindo-se para a Fada, apontou-lhe a Linda Menina, exclamando:



UM BELO GESTO DE COSTES E LEBRIX



COSTES e Lebrix que, no seu avião Nungesser-Coli, assim baptisado em homenagem aos dois mártires da travessia do Atlântico, realizaram a mais difícil e a mais arrojada proeza da aviação dos últimos tempos, tiveram, no seu triunfal regresso a Paris, um gesto altamente simpático. No momento em que todo

o mundo vibrava de entusiasmo; quando, de todos os lados de Paris, choviam convites para apoteoses gratas ao seu orgulho, os dois aviadores isolavam-se de todo o bulício, afastavam-se de todo o clamor admirativo que os rodeava, para irem cumprir, com singeleza, um dever piedoso: visitar a mãe de Nungesser.

Essa pobre senhora, para quem o filho constituía seu único orgulho, seu único amor, sua única razão de existência, ficou extremamente emocionada com aquela sincera homenagem dos dois aviadores que, na hora magnífica do triunfo, homenageavam, nela, o camarada morto, a respeito do qual, até hoje, se ignora a causa do acidente que lhe roubou a vida e o ponto do oceano que lhe deu sepultura.

Costes e Lebrix souberam igualar-se, como homens, ao seu mérito como heróis do ar. A visita à mãe de Nungesser foi o fecho digno da volta ao mundo: o sentimento coroou-lhes o heroísmo, na admiração mundial.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gosto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE
BERTRAND

TECIDOS CHICS

para vestidos e casacos de de senhora

Enorme colecção de padrões da ultima moda, recebidos directamente de Londres, Paris, Lyon e da Suíça

Grande variedade em fantasias em lã e em seda, com que abriu a estação de verão

a
GALERIA DA MODA
(Antiga casa PERAL, L.DA)

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77



A MAIOR FELICIDADE

CONTO POR MARIA AMÉLIA DE CARVALHO

— E NTÃO, Manuela, por onde anda esse pensamento? Esta pergunta, feita com um ar ri-solho por Judite, deixou a amiga sobressaltada. E pela primeira vez, ela, que confiava sempre o que sentia, à amizade sincera que Judite lhe inspirava, mentiu: — Enganas-te! Não pensava em coisa alguma. Esta tarde, tão amena, enche a alma de tanta doçura, que nem dá permissão para deixar voar o pensamento. Porque razão mentira ela? Talvez nem soubesse responder a si mesma. Mas a verdade é



bava de adoecer, forçou-a a regressar à capital, cheia de saudades por esse belo tempo que tinha acabado de decorrer, mas feliz também pela confiança que depositava em Jorge.

Com que ansiedade desejou que as férias acabassem para todos nesse instante, porque assim ele também regressaria!

No momento da despedida teve um vago remorso de não ter contado o segredo da sua alma, a Judite. Mas um secreto pudor lhe fechou os lábios; apenas conseguiu abraçá-la, soluçando e foi Judite quem insinuou:

— Não tens razão para chorar. Sabes que brevemente nos tornaremos a ver, e as ilusões que hoje levas, não se desvanecerão, porque não foste só tu que as alcançaste. Até breve!

Manuela, num transporte de entusiasmo, compreendeu o sentido das palavras da amiga; e agradeceu-lhe calorosamente, sem contudo proferir qualquer frase que desse a conhecer o estado do seu espírito.

Jorge veio despedir-se também, e ela sentiu um contentamento inexprimível, quando o ouviu murmurar com o tom carinhoso com que se lhe dirigia sempre:

— Adeus, Manuela. Creia que não me esquecerei de si!

E por entre os veraneantes que tinham vindo apresentar-lhe os seus cumprimentos de despedida, o auto partiu a caminho da estação mais próxima.

Dias, semanas, meses, foram passando. Manuela recebia notícias de Jorge por intermédio de Judite, que anunciava o regresso para o princípio do inverno. Por essas cartas, ela notava que Jorge não pretendia nenhuma das ra-



parigas que giravam à sua volta, como borboletas estonteadas de luz, mostrando apenas, por todas elas, a mesma atenciosa deferência, que se poderia traduzir por simples delicadeza.

E Manuela sentia-se orgulhosa desse amor que soubera inspirar, porque a frase d'ele, à despedida, não lhe deixava qualquer dúvida, e só pelo poder de um grande amor, ele resistiria a tantas seduções tentadas.

(Conclui no próximo número).



TERFREN LAILA HANUNN

A ÚNICA MULHER FAQUIR DO MUNDO

A última maravilha de Paris, a terra das maravilhas, é Terfren Laila Hanounn, a mulher fakir, a única mulher-fakir que há no mundo.

«Desde a infância — declarou ela a um jornalista — que eu possuía o dom da dupla vista, e fazia, à minha volta, revelações que assombravam o mundo.

Os padres procuravam-me quando tinha apenas quatro anos de idade, submetendo-me, até aos onze, a toda a espécie de provas misteriosas, findas as quais, rendidos pela evidência, se viram obrigados a reconhecer-me como fakir.

Percorro, livremente, o mundo, obedecendo ao meu destino, mas de cinco em cinco anos tenho de comparecer em Singapura, a fim de assistir à reunião dos padres e cumprir, no Pagode subterrâneo, os ritos sagrados. Nesta assembleia tomam parte eu e 699 homens».

Terfren Laila Hanounn explica, assim, a origem do seu poder excepcional de predição: — «durante alguns dias «vi» água e sobre ela um barquinho — era o meu destino. Um personagem superior fez-me sinal e deu-me ordens. Estive três dias como morta, com a alma afastada do corpo, falando e recebendo ordens do Maior de Todos. O meu secretário tomava nota de tudo o que eu «via». Foi assim que eu profetizei a queda dos Habsburgos e disse à imperatriz Zita que seu filho não chegaria a ser rei. Anunciei ao kaiser a guerra e a queda da sua dinastia. Assegurei ao aviador Romain Blaincu o seu próximo fim e a Mussolini que ele não acabaria por uma morte violenta».

Terfren Laila Hanounn não sustentou, a exemplo de muitas videntes espectaculosas e estapafúrdias, que o mundo acabaria a 29 de Maio, não fôsse o seu empresário acreditar e atirar aos quatro ventos o dinheiro dos seus pingues honrários...

VOGA

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

O ORGULHO DUMA CANTORA

MADEMOISELLE Jertza que, além duma linda mulher, é uma cantora de raro talento, constituindo uma das mais prestigiosas glórias dessa famosa metrópole da música que é Viena, acaba de sofrer um longo rasgão no manto do seu orgulho.

Jertza tinha, na vida, uma ambição superior a todas, ambição que era um sonho azul, longos anos acariciado: almejava ser condecorada com a Legião de Honra. E todos os grandes críticos eram concordes em afirmar que ela merecia, por erguer a voz humana até às regiões mais elevadas da beleza e da música, provocando em todos os que a escutavam uma sugestão poderosa, quasi demoníaca, a mais prestigiosa distinção com que a França galardoa o mérito humano.

Jertza esperava que seu lindo sonho se transformasse em sedutora realidade, na sua recente viagem a Paris. Se os directores da Ópera quisessem, se o governo austriaco influísse, ela teria sido condecorada, como lho prometeram. Mas, os directores da Ópera de Viena não quiseram e, por conseguinte, o governo austriaco não influíu — e adeus ambição de muitos anos, adeus sonho de lenta e prolongada carícia!

Jertza, vítima talvez de despeitos de colegas, imolada por profundos rancores artísticos e intrigas de bastidores, iludida na sua boa fé, gravemente ferida no seu orgulho, zangou-se e revoltou-se, abandonando a Ópera de Viena.

Sua bela voz emudeceu. Viena, pátria musical, ciosa dos seus artistas, deve ter a sua alma sangrando por ver desaparecer, num voluntário ostracismo, num silêncio premeditado, a mais bela, a mais prestigiosa voz de mulher.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VOGA

E' uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

UM FRISO DE ROUPAS BRANCAS



Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os Productos de Beleza que Voga vai apresentar em breve

SABER ECONOMISAR É SABER ENRIQUECER



tipo de cofre que pomos gratuitamente á disposição do público para conseguir este fim

Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise com a quantia de — um escudo — em papel moeda ou estampilhas postais por cada consulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos documentos enviados devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente falsos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem o menor receio de suscepti-

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS prefiram, para corte de cabelo, o gabinete do **SALÃO ARTE NOVA**, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

bilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa de todos os seus característicos grafológicos, podem todas as ex.^{mas} consulentes da *Voga* reendereçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal, (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

N.º 485 — *Uma Beirã Alveida*, n.º 1 — Afetividade submetida a um espírito por natureza hesitante e simples.

Quasi todos os traços revelam uma grande impressionabilidade a que não é estranho um leve sentimento de vaga altivez e decisão compélida.

O maior defeito? A sua extraordinária precisão em impôr, suave e sábiamente, a sua vontade de maneira a sempre obter o que deseja e a que eu poderia chamar «diplomacia oculta»...

Considero isto um defeito porque é um meio demasiado nebuloso para obter os fins.

N.º 486 — *Uma que adora as flores* — Perdão, mas eu não sou vidente!...

E também não sou... bruxa!

A grafologia só pode prevê o Futuro mediante a síntese resultante dos vários característicos grafológicos obtidos na análise dos documentos enviados. Tal qual um médico ao examinar o estado de saúde de um indivíduo qualquer, pode assim indicar-lhe o fim que o espera ou o «prognóstico» da doença, assim sucede igualmente com a grafologia.

Tinja em casa



com



Tintas de Heifmann
marca



RAPOSA

DESCÓRANTE

TINTAS PARA TINGIR A QUENTE (por fervura) 44 côres

TINTAS PARA TINGIR A FRIO (sem fervura) 40 côres

- As unicas tintas de inteira confiança.
- As unicas que não desbotam ao sol nem por lavagem.
- As unicas que tingem todas as especies de tecidos de lã, seda, algodão ou linho, desde o crêpe mais fino até á fazenda mais encorpada.
- As unicas que tudo tingem admiravelmente, até veludo ou peluche, até chapéus de feltro ou mesmo de palha.

As unicas tintas que têm provado bem
em todas as suas aplicações e por isso

A MARCA PREFERIDA EM TODO O MUNDO

Experimentá-la uma vez é adoptá-la para sempre

A' venda nas boas drogarias de todo o país

Unicos importadores e depositários exclusivos para revenda: **SCHROETER & ALMEIDA**

Rua da Madalena, 128, 2.º

Como poderei eu em face da leitura dos seus e só seus característicos grafológicos dizer se a minha amavel consulente:

Será correspondida no seu amor?

Se «Ele» tem boas tenções em casamento?

E dentro em quanto tempo?

E, etc., etc.?!...

Talvez seja preferível consultar Santo António em vez da Madame de Memphis!...

Em todo o caso, envie-me um exemplar da letra de «Ele» e eu poderei então revelar-lhe o que a grafologia pensa de «Essa Pessoa»...

Terei muito prazer em ser-lhe assim útil!

N.º 487 — *Uma Brasileira Saudosa* — Confirmando respeitosamente tudo o que escrevi na consulta anterior, n.º 486, e rogo a V. Ex.^a que, visto a minha impossibilidade em poder adivinhar-lhe o futuro, queira indicar-me o endereço para onde deverei devolver a importância da consulta.

N.º 488 — *Pervinca* — Guarda — Nervosismo e impressionabilidade agitada por um sentimento de duvida e reserva muito pessoal.

Todos os traços revelam decisão e força de vontade submetida a um extraordinário desejo de aperfeiçoamento muito louvável e digno.

O único defeito poderá talvez ser considerado como uma parcela de alheamento pessoal, trazendo-se numa determinada falta de método.

N.º 489 — *Uma Aldeã* — Minho — É um grafismo legível revelando um verdadeiro equilíbrio de faculdades reguladas por um justo critério dos melhores meios para obter os fins.

São traços que indicam uma imaginação fecunda e um sentimentalismo impressionável numa afectividade constante e que não esquece nunca.

Pena é que em certos aspectos da sua personalidade surja por vezes um leve sintoma de um egoismo cuidadosamente dissimulado.

N.º 490 — *Myrto* — Cabo Verde — Intellectualidade culta e vibrante de impressionabilidade artística e poetica.

Exaltação resultante de um idealismo consciente e que só contribui para a sua ascense.

Todos os traços revelam a posse de uma alma dotada de excelentes qualidades, cujo único defeito poderá ser uma certa tendência para uma exagerada interpretação dos factos e dos sentimentos inherentes.

Basta para isso precaver-se, colocando um leve sentimento de duvida superior ao sentimento romântico.

N.º 491 — *Lucette* — Uma grande agitação vibrando sob o dominio de um temperamento extraordinariamente impulsivo, obedecendo a uma vontade forte mas indisciplinada.

Tôda a impressionabilidade revelada nestes traços parece resultante mais do meio e clima ambientes, do que da propria natureza da pessoa que os riscou.

N.º 492 — *Mylene* — É um grafismo denunciador de uma natureza impressionável, procurando aperfeiçoar-se copiando cautelosamente todos os elementos tendentes a criar uma certa moldura em volta da sua personalidade.



Verifico, assim, que Mylene é sociável, espi-rituosa, loquaz e dotada de um determinado sentimentalismo que muito concorre para torná-la atraente e simpática.

N.º 493 — *Joselle* — Imaginação, sentimentalismo e tendência para a melancolia.

Doçura de sentimentos, mentalidade desenvolvida, entusiasmo e uma vontade disciplinada e forte, dissimulando os lados menos legíveis do seu temperamento.

N.º 494 — *Carocha* — Lisboa — É um grafismo que revela uma simplicidade de atitudes e sentimentos absolutamente natural, procurando sempre manter-se fiel perante o próximo e a sua propria consciência.

Todos os traços revelam bondade, impressionabilidade, desejo de aperfeiçoamento, desconfiança e decisão voluntariosa.

N.º 495 — *Ganymede* — Lisboa — Exceccionalmente terei muito prazer em informar qualquer outro assunto.

Qualquer artigo literário que mereça aprovação da parte do director da revista poderá ser publicado sem retribuição monetária. O quadro dos colaboradores está completo.

A análise grafológica: Intellectualidade, equilíbrio de faculdades, apta a todos os trabalhos mas sem superioridade absolutamente manifestada em qualquer dêles.

Sensibilidade, intuição e inteligência assimiladora.

496 — *Reine de Laval* — Guarda — Acuso a recepção das considerações de V. Ex.^a, que sinceramente agradeço, merecendo tôda a minha melhor atenção.

No «Magazine Bertrand» de Agosto próximo, poderá V. Ex.^a ver o resultado da análise ponderada do grafismo em questão.

A impressionabilidade dos seus traços é flagrante...

N.º 497 — *Deucalion* — Lisboa — «Ma foi!»... Nunca pensei que Deucalion se desse ao trabalho de curvar-se sobre esta secção da «Voga», piscando como sempre os seus olhos de linco observador, já levemente fatigado pelas passagens desta vida!...

Talvez que por dever de officio, os seus sentimentos de literato pela força das circunstâncias, o obriguem a censurar o título indicado mas... não seria isso um daqueles ataques de bilis que às vezes o caracterizam nos dias seguintes às noites fatigantes em que a sua pena fica riscando nem sempre à mercê da sua imaginação fecunda e vigorosa?...

Qualidades morais? Boa disciplina mental, decisão quasi teimosa, memória, entusiasmo e... violencia audaz!

Muito prazer em conhecer o grafismo de V. Ex.^a, sr. Deu-cá-lião!

N.º 498 — *Misantropa* — Lisboa — Os defeitos de Misantropa não são graves... Todo o seu grafismo indica doçura, hesitação subordinada a uma vontade estranha e dirigente, aliada a uma natureza dotada de uma justa visão das distâncias e dos defeitos e qualidades alheias.

Não quero também deixar de mencionar as faculdades caracteristicas do seu personalismo: a estética, a lógica, e a discreção prudente e sábia...

AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a tôdas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a tôdas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que não tenham recebido o resultado das suas consultas ou não os tenham visto publicados na *Voga*, o favor de nos avisarem, a fim de podermos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refugio Postal.

CONVERSAS MEDICAS

A DANÇA E A CULTURA FISICA

A dança é um exercício cadenciado e rítmico, misto de marcha, corrida e salto... Talvez que muitas das nossas gentis leitoras, achem infinitamente prosaica a definição deste exercício alado, que eu rebaixo cruelmente decompondo-o em seus elementos, dissecando-o mesmo um pouco. Esta arte, cuja origem se perde na noite das sociedades primitivas, era então honrada com o mesmo título e considerada equivalente à poesia e à música e tinha o seu lugar em todas as cerimónias sagradas.

Eu sei também quanto a estimavam os nossos antepassados, a ponto de os próprios reis tomarem parte nos bailes da corte como simples cortejados. E ainda hoje, nas festas da rua, como se vê em Lisboa pelo Santo António, o povo improvisa com alegria os seus bailados.

A dança tem títulos de nobreza, mas para o higienista reduz-se a um exercício muito variado, levando um grande número de grupos musculares a fazerem um exercício duma utilidade incontestável, o verdadeiro exercício feminino.

A dança acciona especialmente os músculos dos membros inferiores, e os movimentos a que ela obriga, duma variedade infinita, elevações sobre as pontas dos pés, flexões, movimentos de circundação, vulgarmente chamados piruetas, comunicam às diversas articulações uma agiliade, uma flexibilidade extremas, ao mesmo tempo que as contracções dos diferentes músculos, contracções múltiplas, rápidas e nunca violentas, lhes dão vigor e elasticidade.

Mas não é tudo; não se dança só com as pernas. Para dançar bem é preciso dominar todo o corpo, parando instantaneamente, mudando de direcção sem esforço aparente, com graça, com elegância. É então necessário que os diversos grupos musculares estejam não só exercitados como harmonizados: a cabeça deve estar direita, o peito saliente, as espaldas desapparecidas.

Se quando o pássaro anda se percebe que ele tem asas, da mesma maneira se reconhece o bom dançarino, mesmo quando está parado.

É precisamente isto que dá à dança uma utilidade de primeira ordem. É uma espécie de gymnástica suave, muito análoga, pelo menos nos seus suaves resultados, a gymnástica sueca. Na Suécia, onde os exercícios físicos nas suas relações com a saúde e o funcionamento orgânico normal, foram estudados com rara penetração e aplicados com o melhor resultado, renunciou-se aos exercícios atléticos, aos exercícios de força, para só empregar aqueles que só desenvolvem um grande número de movimentos associados. Dá-se muito mais valor à sua amplitude que à sua intensidade. São mais posições do que exercícios gymnásticos propriamente ditos, e, na maior parte das vezes, duma grande simplicidade.

Um exemplo entre cem: Um dos exercícios que nas escolas é mais empregado é o de, tendo voltado o banco de pernas para o ar, fazer andar as crianças sobre a travessa longitudinal que liga os pés e que tem apenas poucos centímetros de largura. Para se conservar o equilíbrio e andar sem cair nem para a direita nem para a esquerda, é preciso conservar o corpo perfeitamente direito, pois que o menor desvio do centro de gravidade levaria a um passo em falso. Este exercício é muito empregado nos institutos de meninas de Stockholmo, assim como em todas as escolas oficiais da Suécia; parece, à primeira vista, que não vale nada, mas repetido frequentemente dá resultados surpreendentes. Ele só por si faz parte dum sistema completo de preparação física. Como ele ou em seu lugar, a dança pode também dar à atitude alguma coisa de firmeza e de decisão, segurança no andar e elegância nos movimentos.

A dança tem de vantajoso o ser um exercício fácil. Esta afirmação necessita uma pequena explicação fisiológica, pois que parecerá singular e provocará certamente a incredulidade ou a ironia de todos aqueles que tenham visto um rapaz desajeitado, teso, embaraçado e embaraçoso, entrando sempre fora de compasso, e dei-

tando a perturbação entre os outros pares dançantes.

Tudo o movimento muscular para se realizar exige a intervenção da vontade. Queremos pegar no copo quando estamos à mesa e ordena-se então aos músculos do braço que se contraiam de maneira a pegar no copo e levá-lo à boca. Mas certos movimentos, sempre os mesmos e frequentemente repetidos, acabam por tornar-se quasi inconscientes e realizam-se sem mesmo darmos por isso. Chama-se *automatismo* à facilidade que tem certos elementos nervosos de accionar directamente os músculos.

Um dos exemplos de automatismo mais evidente é-nos fornecido pelo andar. Anda-se tão bem sem se dar por isso, que se cita o exemplo de soldados fatigados adormecerem sem deixar de andar, sem sair da sua fila e só acordando ao chegar ao acampamento; mas sem ir até estes casos extremos, todos nós andamos conversando ou pensando sem consciência de que vamos a andar. Quando habituados a outros exercícios fazem-no automaticamente: remar, por exemplo, ou mesmo certos casos de equitação. A dança igualmente, e esta duma maneira ainda mais fácil porque é acompanhada de música, e todos sabemos quão grande é a influência do ritmo sobre o movimento.

A dança, em começo, necessita, como todo o exercício, duma aprendizagem; depois muita prática, mas quanto mais nela nos aperfeiçoamos menos atenção nos vemos obrigados a dar-lhe, e essa atenção forçada é que constituía a principal fadiga. O dançarino habituado segue com o ouvido o compasso duma valsa e sem nela mesmo pensar faz os movimentos necessários. Os seus músculos contraem-se facilmente

e de per si, o que não sucederá a um principiante. Assim, poderemos dizer o paradoxo seguinte: «O que é difícil é dançar mal».

Grande variedade de atitudes, esforços moderados de muitos músculos, intervenção mínima dos centros nervosos, o que falta à dança para ser um dos exercícios higiênicos mais recomendáveis? Ter lugar ao ar livre.

Infelizmente, a dança pratica-se mais no inverno, é quasi sempre inseparável do baile, do baile brilhante, do baile delicioso, como diz o poeta, mas que é a reunião numa sala, geralmente pequena, dum número de pessoas sempre considerável.

A crítica do baile é fácil, todos concordam em lhe reconhecer os inconvenientes: inconveniente de respirar um ar viciado e carregado de poeiras, por consequência, absolutamente prejudicial ao fim de algumas horas; inconveniente da elevação de temperatura das salas quasi ao máximo, enquanto na rua o frio é muitas vezes rigoroso, o que ocasiona graves desarranjos na saúde quando se passa, sem transição suficiente, duma para outra ou se abre bruscamente uma janela; inconveniente da hora, cada vez mais tardia, de começar as *soirées* que hoje principiam quasi à hora em que antigamente se acabava; inconveniente das ceias, origem das dispênsias inveteradas; inconveniente da falta de sono, quando os bailes se repetem, o que é mais necessário às meninas do que aos rapazes.

Mas todas estas críticas e muitas outras não mudarão nunca o curso das coisas: continuar-se há, como até aqui, procedendo desrazoadamente enquanto a moda assim o exigir.

Só é injusto lançar sobre a dança as más consequências do baile!

LIVROS E REVISTAS

OBRA COMPLETAS DE GIL VICENTE — EDIÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
— TERRA ALENTEJANA — REVISTA DE PROPAGANDA DO ALENTEJO — «DIE DAME» — REVISTA FEMININA ALEMÃ

Já aqui nos referimos há semanas e com o caloroso elogio que era de justiça tributar-lhes, as edições da Biblioteca Nacional de Lisboa. De novo nos incumbem o dever gratíssimo de fazer referências a mais outra edição do mesmo estabelecimento do Estado e a qual, como todas quantas de lá têm saído, é simplesmente primorosa, além do altíssimo valor que possui para o estudo do teatro em Portugal. Trata-se das *Obras completas* de Gil Vicente, reprodução facsimilada da 1.^a edição e nós, rendendo homenagem à pericia e excelência das oficinas gráficas da Biblioteca, por forma alguma podemos deixar no esquecimento o patriótico intuito que inspirou e guiou os seus organizadores. Esta edição das obras de Gil Vicente é mais um documento a pugnar pela conservação das oficinas gráficas da Biblioteca e a atestar os magníficos serviços por elas prestados à nação.

A obra agora lançada no mercado não interessa, é obvio, à grande maioria das nossas leitoras visto como se dirige a criaturas especializadas em altos estudos literários ou aos amadores das boas edições. Parece-nos contudo que, se a leitora não tem interesse imediato na aquisição das *Obras completas* de Gil Vicente, agora saídas das oficinas gráficas da Biblioteca porque naturalmente não possui a especialização requerida para a sua leitura, em todo o caso praticaria uma obra excelente recomendando tal aquisição a seu marido ou aos seus irmãos. E se a leitora tem filhos, nesse

caso é que não poderá deixar de adquirir o volume referido porque ficará possuindo uma edição que, com o andar dos tempos não só atingirá um alto valor bibliográfico como também há de constituir um precioso auxílio para os estudos que seus filhos tenham de fazer em matéria de história da literatura portuguesa.

A edição facsimilada das obras completas de Gil Vicente é um documento gráfico primoroso e um testemunho de alto patriotismo por parte de quem a organizou e lançou no mercado. Tanto lhe basta para que neste lugar lhe rendamos as homenagens que merece.

Terra Alentejana, a bela revista que o sr. Mouron Rodrigues iniciou há dois ou três anos e continua dirigindo com todo o brilho e proficiência, acaba de publicar mais um número, primoroso como todos os seus antecessores. Trata esse número de várias vilas do Alentejo e entre elas muito especialmente, de Mourão e Reguengos de Monsarás. Todos quantos se interessarem pelo regionalismo e tenha amor pelas formosas terras de Portugal, têm o dever de ler e assinar esta formosa e utilíssima revista, certos de que contribuem para a propaganda duma desprezada região cujas belezas são inumeráveis. O Alentejo constitui uma surpresa para quantos o visitam,

TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO usando FILOCOL N.º 1 para o desenvolver, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS d'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos medicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL
Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

O DOCE... NUNCA AMARGOU

BÓLO DE CÔCO

ELEMENTOS a empregar:
Miolo de côco ralado, 100 gramas; gemas de ovos, 10; claras, 5; açúcar refinado, 400 gramas; farinha de arroz, 250 gramas; manteiga, 250 gramas; água de côco, q. b.; sal fino, q. b.; vidrado de limão ralado, q. b.
Tomam-se miolos de côcos em número tal que perfaçam aproximadamente o peso acima indicado, conservando a água, que se junta à massa.

Deita-se o côco ralado num alguidar vidrado com o açúcar e a manteiga e mistura-se tudo intimamente.

Depois, juntam-se as gemas e as claras, batase tudo, junte-se-lhe sal e a raspa do vidrado do limão. Depois disto vai-se juntando a farinha a pouco e pouco e, batendo bem, junta-se a água do côco. Deita-se, depois, a massa batida em uma fôrma bem untada com manteiga e leva-se ao forno a coser, dando dois golpes em cruz na parte superior do bôlo, quando começar a crescer e a coser por cima.

por tal fôrma é desconhecido, e tamanho é o encanto das suas belezas naturais e artísticas. Ora uma revista que, como a *Terra Alentejana*, tenha em vista fazer a propaganda de tão formosa e desajudada região, bem merece de todos os portugueses. Este número que temos presente é curiosíssimo quer pela colaboração literária, quer pela documentação fotográfica que exhibe de aspectos curiosos e pitorescos das duas vilas acima referidas. Não hesitamos em a recomendar e elogiar.

Do respectivo representante em Lisboa temos recebido com toda a regularidade a magnífica revista feminina alemã *Die Dame*, sem dúvida alguma a melhor de quantas se publicam no estrangeiro. Não lhe são superiores as da França ou Inglaterra. Colaboração excelente, magnífica documentação artística indo do mais antigo ao mais moderno em questões de tal natureza, artigos do mais alto interesse para a mulher de hoje, modas, novelas, arte no lar, tudo é excelente em *Die Dame* e só é pena que esta revista seja composta numa língua que, com algumas excepções não é conhecida da mulher portuguesa. Mesmo assim não nos parece descabido recomendá-la às nossas leitoras porque embora desconhecendo o idioma alemão, não lhes será inútil e por ela poderão ter uma idéa do que é a educação da mulher nos países estrangeiros. No género, repetimos, é quanto de melhor se faz lá fora.

F. M.

Lave, ondule e
côrte o seu
cabelo

na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35



"COLUMBIA"
DISCOS

ACABAMOS DE RECEBER OUTRA REMESSA COM AS MAIS RECENTES NOVIDADES

AGENTES EXCLUSIVOS E UNICOS IMPORTADORES:

P. SANTOS & C.ª, L.ª

52, 54, R. Ivens, - LISBOA - R. Garrett, 57, 59, 61





AS ARTISTAS DE CINEMA A SAUDE E A BELEZA

POR LOUISE DRESSER (COMEDIANTE)

(Especial para «Voga»)

O prolongamento da vida das «estrelas» de cinema já se tornou uma ciência. A colônia de artistas de Hollywood é um centro das mais belas e garbosas criaturas, sem rival no mundo, e as estatísticas demonstram que essas belezas mantêm a força e o vigor da sua mocidade por mais tempo que em qualquer outra profissão.

Mantêm-se jovens e belas em virtude de um estrito cumprimento de preceitos de saúde, e também porque sabem evitar certos processos de cultura de beleza, cujos verdadeiros resultados são apenas prejudiciais.

A «estrela» de cinema não necessita de lançar mão do *rouge*; as suas cores são as cores da saúde, providas de exercício físico, regime alimentar próprio e de um método de vida rigoroso.

Bem sei que por isso elas são invejadas por todas as mulheres da terra. Sei disto porque sou uma artista e não uma adventícia que haja penetrado no cinema em virtude duma compleição angélica. As minhas companheiras dos demais ramos da scena muda, iniciaram-se em excelentes condições de compleição física. Não obstante, são todas forçadas a manter e cuidar com todo o zelo essa preciosa dádiva divina. Basta citar algumas «estrelas» tais como Joan Crawford, Norma Shearer, a japonesita Ana May Wong, de que junto os retratos para aludir a um grupo de mulheres jovens que, por conhecerem o valor da beleza e saúde, se interessam por viver metódicamente, a fim de manter sempre a melhor das aparências.

Não preciso dizer nada acerca da idade dessas jovens. Algumas delas estão no cinema há já bastante tempo; outras são, comparativamente, recém-estreadas, mas em conjunto são todas verdadeiros ídolos do público. Levantam-se cedo, pela manhã, e fazem seus exercícios regularmente, tomando todo o sentido nas instruções dos professores de ginástica agregados aos *studios*.

Estes homens são conhecidos por milhares de raparigas, nos Estados Unidos, onde eles teem ministrado exercícios e métodos de vida próprios a conservar a juventude das «estrelas», e mantendo um padrão de saúde que representa uma grande economia de dinheiro, dinheiro que antes se perdia em consequência de impedimentos devidos a enfermidades evitáveis.

Por certo, sou uma grande entusiasta da saúde e beleza através de uma vida metódica, muito embora não aspire à compleição de uma Gertrude Olmstead. Mas, tal como Tim Macoy, John Gilbert, Ramon e alguns outros astros notáveis, reconheço que os trinta minutos de exercício diários, conforme o regime nos *studios*, são um estimulante de primeira



ordem. Exercícios regulares e regime alimentar produzem novos nervos, e com isto, um entusiasmo sadio pela vida.

Só há, pois, que recomendar, pelo menos, trinta minutos, meia hora, de exercícios diários para todos quantos aspiram dedicar-se à scena muda. Certas vezes, no decorrer dos trabalhos, há grande depressão nervosa que, aos poucos, esgota as forças mais resistentes. Tudo, por conseguinte, deve ser feito e bem feito para procurar uma reacção natural. Juventude é um estágio da vida que precisa ser cuidado com uma noção exacta do seu valor, pois, só assim, poderemos disfrutá-lo o mais possível, com o menos possível de preocupações acerca do «outro estágio» da existência — coisa tão fatal como todas as leis da Natureza.

Nem todos os exilados políticos e não políticos se encontram entre as luzes e luxos de Paris. Muitos deles procuram um ambiente mais primitivo, mais ameno, ainda pouco explorado pelas hordas da civilização. Um desses sítios é o grupo de ilhas da Oceania, em plena vastidão, que medeia entre a América e Ásia. Robert Flaherty, director do filme *Moana of the South Seas*, *Nanook of the North* e tantos outros de primeira classe, acaba de encontrar-se com vários exilados nas ilhas de Tahiti e vizinhanças, onde o director se encontra em trabalhos para uma outra fita regional para a Metro. O director Flaherty exteriorisa uma opinião muito simpática a esses exilados, entre os quais há jornalistas, artistas, escritores, e todos sempre demonstram ser uma das melhores companhias, nas quietudes nostálgicas daqueles pedaços de terra perdidos na imensidão do Pacífico.

♦ ♦ CINEMA CONDES—ANJO E DEMÔNIO, com MARGARET LIVINGSTON—Um filme de Maravilha ♦ ♦

Ayuntamiento de Madrid